



## O embate intelectual entre Sartre e Foucault: síntese de um novo momento histórico

**Palavras-Chave:** INTELECTUAIS, IDEOLOGIA, FILOSOFIA FRANCESA

**Autores(as):**

**JULIA MORGAN NEGRÃO, IFCH - UNICAMP**

**Prof. Dr. FÁBIO MASCARO QUERIDO (orientador), IFCH - UNICAMP**

---

### INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa de Iniciação Científica orientou-se em torno de duas perguntas, fundamentais no campo da sociologia das ideias: de que forma o contexto sócio-histórico auxilia a compreensão de determinado debate intelectual? E – principalmente – de que forma este debate de ideias nos ajuda a apreender sociologicamente um momento histórico? Com essas questões nos aproximamos do debate travado entre Jean-Paul Sartre e Michel Foucault em livros, artigos e entrevistas. As discordâncias acerca do papel do intelectual e de suas formas de engajamento político se mostraram como objetos privilegiados para apreender os motores do pensamento de cada um, além das condições sociais legitimadoras de suas posições, em transformação entre os anos 60 e 80 na França.

A partir da análise comparativa entre os dois projetos filosóficos, pudemos nos aproximar do nosso terceiro objeto: o ensaio “Tentativa de identificação da Ideologia Francesa” do filósofo brasileiro Paulo Arantes. Escrito em meados dos anos 90, nele Arantes associa a filosofia de Foucault a uma forma ideológica de esquerda, glosando o estilo irônico de Karl Marx em seus escritos na *Ideologia Francesa*. Para ele, a filosofia que desbancara a de Sartre apresentava uma alternativa de subversão falsa, na medida em que se ancorava em um discurso esvaziado de sua *práxis* social, resultando assim no “abandono ostensivo da ideia materialista de Crítica.” (ARANTES, 2021, p. 27) Nossa hipótese inicial era que a análise comparativa entre os dois pensadores poderia confirmar ou refutar as proposições de Arantes. Para isso, nos concentramos na extração da concepção de *experiência* das formas de engajamento de Sartre e de Foucault: que relação entre conhecimento e prática as fundamentava? De um lado, uma prática política universalizante, baseada na subversão do humanismo burguês; de outro, uma prática política específica, baseada no trabalho intelectual científico.

Contudo, o decorrer da pesquisa mostrou que a hipótese do ensaio não poderia ser simplesmente provada ou refutada. Mesmo assim, a descrição de Arantes da mudança radical de paradigma histórico que se materializou na querela entre Sartre e Foucault, resolvida em favor do segundo, intuía o que observaríamos ao final de nossa análise comparativa: que a *experiência* que informava a prática intelectual e política de Jean-Paul Sartre havia se tornado anacrônica social e historicamente, e que Michel Foucault apreendeu, em sua maneira de pensar, o espírito de uma época nova. Sendo assim, a contribuição da pesquisa se concretiza na análise de tendências sociais de um período a partir da comparação entre dois quadros teórico-conceituais distintos, que se constroem negativamente, evidenciando o que de fato se transformava no âmbito da sociedade.

### METODOLOGIA:

O objetivo inicial desta pesquisa foi, portanto, organizar o pensamento filosófico de Jean-Paul Sartre e Michel Foucault em torno das categorias que nos interessavam, primeiro para poder compará-los e, segundo, para poder verificar de que forma a crítica de Paulo Arantes encontrava substrato nos textos dos autores. Da parte de

Sartre, foram estudados dois livros: *Em defesa dos intelectuais* e *O que é Literatura?* e duas publicações de revistas da época. Quanto a Foucault, foram selecionados quinze textos, incluindo entrevistas, conversas e um ensaio.

Realizaram-se fichamentos que evidenciassem as principais linhas de força que orientavam o projeto intelectual de cada um deles e suas transformações ao longo do tempo. Em seguida, uma sistematização comparativa foi realizada. Com o andamento da pesquisa, foi possível entender que o formato de entrevistas e conversas, por elucidar o que o intelectual pensa sobre o próprio pensamento e em que termos o formula, adicionava um grau de reflexividade fundamental para as análises que queríamos desdobrar. Tal reflexividade – do pensamento sobre a teoria – possibilitou desnaturalizar e historicizar as ideias de cada um, e inseri-las no ecossistema político e intelectual nos termos em que era concebido à época, enquadrado pelos acontecimentos políticos e sociais do momento. Dessa maneira, ainda que na lida com o texto filosófico, a sociologia pode voltar à estrutura da pesquisa através das possibilidades abertas pela própria forma dos materiais escolhidos.

O terceiro objeto, o ensaio de Paulo Arantes, requereu uma reflexão metodológica própria. Para explorar as mediações históricas e sociais que fundamentavam as aproximações e oposições filosóficas do momento, delineando uma “ecologia intelectual” que informa seu conceito de Ideologia, Arantes passeia pelo idealismo alemão, por Nietzsche, Heidegger e Habermas. Tanto a quantidade de referenciais mobilizados quanto a linguagem cifrada do ensaio constituíram um desafio para sua compreensão. Foi justamente nesse desafio que a pesquisa encontrou seu avanço metodológico mais interessante: se não era possível imediatamente verificar ou refutar a hipótese de Arantes, e nem apreendê-la sem a ecologia intelectual que lhe sustentava, então passou-se à procura dessa constelação intelectual nas apresentações que os filósofos faziam de suas propostas filosóficas.

Desta forma pudemos retornar aos textos de Foucault em busca das referências a essa ecologia. De fato, a linhagem que Arantes usou para argumentar que a filosofia de Foucault havia nascido sem poder transformador era a mesma que Foucault elegia para si mesmo, por julgar que a retomada da herança de Nietzsche e dos formalistas pelo estruturalismo poderia transformar um ambiente intelectual dominado pelo marxismo e uma sociedade totalitária em suas diferentes esferas. Assim, o primeiro resultado que a pesquisa buscou gerar foi a reconstituição da “autogenealogia” do pensamento de Foucault, de modo que ficassem claras as influências que ele mesmo elege para si. A pesquisa se desenrolou, assim, em duas linhas: por um lado, a tentativa de destrinchar o texto de Paulo Arantes e de entender o que de fato ele denominava “Ideologia”. Simultaneamente, a investigação dos pensamentos de Foucault e de Sartre, que não deixava de ser influenciada pelos avanços na compreensão de Paulo. Seria difícil fazer de outra forma: o conhecimento da filosofia francesa a partir dos anos 60 era pressuposto para entender o mapeamento de Arantes e suas hipóteses alimentavam nossas chaves de leitura e tensionavam nossa relação com os textos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

### A) Resultados 1

Tabela 1 - Autogenealogia do pensamento de Michel Foucault	
<b>1. Projeto</b>	arqueologia das ciências humanas em busca dos saberes implícitos que fundamentam as formas de conhecer de uma época
<b>2. Questão central</b>	as relações entre as formas de reflexividade (racionalidades) e o discurso da verdade (efeitos de conhecimento). Criação do outro como o fundamento negativo do sujeito da razão moderno
<b>3. Paradigma</b>	morte do homem constatada pela psicanálise, pelo estruturalismo e por Nietzsche
<b>4. Método</b>	pensamento não-dialético, razão analítica. Busca pelos discursos de verdade através dos traços verbais que eles deixam em toda parte
<b>5. Inspiração</b>	formalismo

<b>Tabela 2 - Quadro comparativo entre Sartre e Foucault</b>		
	<b>Sartre</b>	<b>Foucault</b>
<b>a) Método</b>	Dialética	Análise de traços verbais/Pensamento não-dialético
<b>b) Movimento</b>	Totalização	Fragmentação
<b>c) Figura</b>	Sujeito criador	Indivíduo pesquisador
<b>d) Paradigma</b>	História e <i>práxis</i>	Estrutura/saber-poder
<b>e) Atuação política</b>	Engajamento não-científico/projeto normativo	Prática informada cientificamente/projeto negativo contra o poder

## B) Discussão 1

Nas tabelas 1 e 2, apresentamos, de forma sintetizada, os resultados do primeiro nível de investigação da pesquisa. Em seguida, realizaremos uma pequena discussão levando em conta apenas alguns dos principais pontos selecionados. Tendo em vista que diferenças de seus paradigmas já foram bastante estudadas – sendo que Foucault apresenta abertamente a própria filosofia como a contrária a Sartre (FOUCAULT, 1983) – interessa-nos apresentar um olhar renovado que capte, pelas aparentes “margens”, o central dessa oposição. Margens: a saber, a inspiração formalista da filosofia de Foucault como chave para entender a radicalidade da transformação que ela representava em relação à Sartre.

O ponto primordial da recapitulação do projeto foucaultiano é que, para ele, a episteme moderna foi a responsável por fazer do homem um objeto de saber possível. Mas justamente onde se buscou conhecer os cantos mais profundos e elementares desse ser cuja consciência havia se tornado o fundamento do saber, encontrou-se seu contrário: estruturas e inconsciência. O homem havia sido o princípio constituinte das ciências humanas, mas Foucault advoga por nova uma prática de científica: em lugar do homem como princípio, as estruturas que o determinam. É dessa constatação, de que o saber precisa de um novo fundamento, que vem sua aproximação ao formalismo. Foucault atribui ao jogo autônomo da linguagem o novo princípio ordenador do saber. O elemento autorreferencial do formalismo, que expõe os traços e elementos que constituem a forma da obra como seu próprio material e conteúdo, é a inspiração para o método que o filósofo francês propunha para as ciências humanas. Não à toa, o modelo do pensamento não-dialético é o da pintura modernista de Klee, que “faz do próprio ato de pintar o saber desdobrado e cintilante da própria pintura.” (FOUCAULT, 1966, p. 155) O formalismo nos remete, portanto, à ideia de uma arqueologia das ciências humanas que toma tudo à nível de traço, e busca fazer emergir suas formas comuns. A linguagem que não depende de um sujeito e cujos traços devem ser expostos pelo indivíduo pesquisador é o cerne de sua oposição ao pensamento de Sartre.

Enquanto, para Foucault, o funcionamento da linguagem como estrutura, a partir de leis e relações internas, é a demonstração da ausência do sujeito – “onde ‘isso fala’, o homem não mais existe” (FOUCAULT, 1966, p. 155) – para Sartre, a linguagem só existe na medida em que é *falada*. No próprio verbo, Sartre reinsere o momento da ação humana. Não se trata de negar a existência de estruturas determinantes, mas de afirmar que elas não se movem sozinhas. Para Sartre, a estrutura é apenas um momento da *práxis*: “Se se admite a existência de um tal sistema, deve-se admitir também que a linguagem não existe senão falada, por outras palavras, em ato.” (SARTRE, 1968, p. 110) E, para entender esse sistema, seria preciso introduzir a *práxis*, o movimento de interiorização e re-exteriorização do mundo de modo a transformá-lo. Para Sartre, pouco importa o diagnóstico feito por seus contemporâneos franceses acerca do descentramento do sujeito: “O essencial não é o que foi feito do homem, mas o que ele fez daquilo que fizeram dele. O que foi feito dele são as estruturas, os conjuntos significantes estudados pelas ciências humanas. O que ele fez é a própria história, a superação real dessas estruturas numa *práxis* totalizadora.” (SARTRE, 1968, p. 117) Portanto, as diferentes noções de *experiência* que informam a *práxis* intelectual de cada um deles podem ser apreendidas pelas posições opostas no debate sobre a linguagem: de um lado, um intelectual que escolhe agir sobre a história, de outro, um que usa seu lugar específico nas estruturas para criticá-las

Aqui reside também o cerne da crítica de Sartre ao projeto de *As palavras e as coisas*: que Foucault não teria conseguido explicar a transição entre uma episteme e outra justamente porque, para isso, precisaria recolocar a dimensão da *práxis* e da história. Foucault, contudo, parece responder novamente fora dos termos da crítica de Sartre; não é como se a história estivesse reinserida em outro lugar, nem como se ele negasse a história: apenas *não*

é disso que se trata. Em certo sentido, o que foi possível observar durante a pesquisa é que ambos estavam “corretos” sobre a filosofia alheia. Assim, quando Foucault afirma que a filosofia de Sartre pertence ao paradigma da Modernidade fundado no sujeito, ele não erra o alvo – ainda que a dialética marxista trabalhe com a subversão das categorias próprias da Modernidade. Quando Sartre afirma que Foucault elimina o sujeito e a história, ele também acerta. Como escapar desse *fla flu*?

### C) Resultados 2



Figura 1 - fundamentos do ensaio de Arantes

### D) Discussão 2

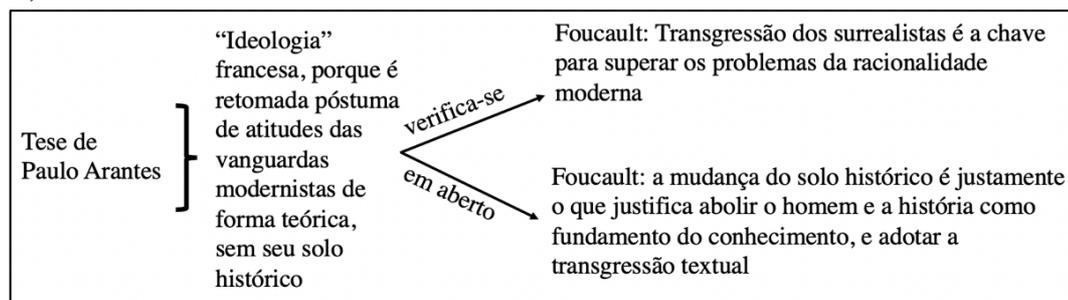


Figura 2 - discussão da tese de Arantes

### CONCLUSÕES:

Para continuar a apreender o real significado das diferenças entre os filósofos e as épocas que eles incorporam seria, portanto, investigar mais a fundo os elos entre elas e os acontecimentos históricos (sociais, políticos, econômicos) que as circundaram, discussão que o ensaio de Paulo Arantes nos oferece. Ao contrário de explanar ponto a ponto os motivos que constituiriam o pensamento francês do período como uma forma ideológica de esquerda, Arantes mostra de que maneira a ideologia dos franceses se constituiu a partir do reavivamento de atitudes estéticas anacrônicas e de atitudes filosóficas geradas em momentos de defasagem com a batida do compasso da modernidade – como a dos idealistas alemães. É nessa “recapitulação ‘teórica’ do conteúdo da experiência da modernidade estética” que podemos localizar o formalismo de Foucault, sua defesa da experiência da transgressão e do seu absoluto literário. Para Arantes, é a redução do conteúdo da experiência que informava as vanguardas à *frase*, assim liberada, que constitui a ideologia. Por exemplo: a recuperação de formas “arcaicas” de sociabilidade no momento da bancarrota do capitalismo, como fez o primitivismo dos cubistas e surrealistas, vira o artifício textual do “outro” na escrita foucaultiana. O projeto normativo do surrealismo renasce assim, caduco, “como toda transgressão planejada em comitês de redação” (ARANTES, 2021, p. 38).

Fica evidente que as conclusões a que chega Paulo Arantes dependem intrinsecamente da perspectiva de crítica negativa e materialista que ele adota, e que Foucault repudia. Assim, não é possível emitir um juízo de valor sobre o acerto ou erro de suas análises, apenas apontar para a aproximação que seu ensaio e a autogenealogia de Foucault demonstram possuir: ambos localizam a filosofia francesa pós Sartre em um novo paradigma histórico, com novos limites e exigências. Se Foucault enxerga o novo projeto filosófico como necessário para combater a

totalização teórica marxista e o totalitarismo das sociedades ocidentais, inclusive as socialistas, Arantes vê essa guinada como sintoma dos limites de uma época, já fechada para as possibilidades de mudança histórica que acompanhavam as revoluções e vanguardas do início do século XX.

O saldo da pesquisa, assim, a compreensão de que se tratava não apenas de um embate intelectual, mas histórico, entre dois paradigmas temporais. Embate que tem mais a nos oferecer quando abordado como verdade de uma época do que como verdade (ou mentira) sobre a filosofia ou o homem. A pesquisa viabilizou também um entendimento mais completo dos caminhos da cena intelectual francesa entre os anos 60 e 80: o que esteve em jogo, o que chegou ao fim, o que nasceu e que relações de antagonismo e continuidade era possível estabelecer entre esses termos. No mais, um exercício de aprofundamento na economia conceitual na qual estavam inseridas as ideias de Sartre e Foucault.

Na vida e na teoria, esses intelectuais por vezes aproximaram-se. Para Sartre, o trabalho que pretende atingir a verdade despida dos mitos burgueses deve, necessariamente, passar pela singularidade do intelectual e pelo acontecimento concreto e localizado. Por sua vez, Foucault (1968, p 161) se aproxima de algo como a *práxis* quando afirma que: “a estrutura se revela na ação política ao mesmo tempo em que esta modela e modifica as estruturas”, residindo aí a necessidade de uma análise teórica exata do funcionamento das estruturas. De toda forma, é possível dizer, de ambos:

Não seremos absolutos porque refletimos em nossas obras alguns princípios desencarnados, suficientemente vazios e nulos para passar de um século para outro, mas porque teremos combatido apaixonadamente em nossa época, porque a teremos amado apaixonadamente e teremos aceitado morrer totalmente junto com ela. (SARTRE, 1945, p. 133)

Ao fim e ao cabo, a maior contribuição que a pesquisa pode oferecer é um relato da autorreflexão do intelectual sobre si e sobre seu papel em cada momento histórico, lembrando que, tanto como sujeito que capta a universalidade, ou como cientista que analisa um fragmento da estrutura, ele possui importância fundamental para a compreensão de uma época.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARANTES, Paulo. Tentativa de identificação da Ideologia Francesa. *In*: ARANTES, Paulo. **Formação e Desconstrução: Uma visita ao Museu da Ideologia Francesa**. São Paulo: 34, 2021. p. 9-62.

FOUCAULT, Michel [1966c]. O Homem Está Morto? *In*: FOUCAULT, Michel. Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. **Ditos e escritos, v.7**. p. 151-156.

FOUCAULT, Michel [1968a]. Entrevista com Michel Foucault. *In*: FOUCAULT, Michel. Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. **Ditos e escritos, v.7**. p.157-168.

FOUCAULT, Michel [1983]. Estruturalismo e Pós-Estruturalismo. *In*: FOUCAULT, Michel. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. **Ditos e Escritos, v. 2**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 307-334.

SARTRE, Jean-Paul [1945]. Os Tempos Modernos – Apresentação. *In*: BASTOS, Elide; REGO; Walquiria (coautoria). **Intelectuais e política: a moralidade do compromisso**. São Paulo: Olho d'Água, 1999. p. 127-145.

SARTRE, Jean-Paul [1968]. Jean-Paul Sartre responde. *In*: PINGAUD, Bernard (coautor). **Sartre hoje**. São Paulo: L'ARC Documentos, 1968. p. 108-118.